

NOMADISMO, DESLOCAMENTOS E TRAJETÓRIAS ERRANTES: IDENTIDADES EM JOGO NA NARRATIVA DE CAROLINA MARIA DE JESUS¹

Janaína da Silva Sá (IFFar)

Resumo: A reflexão sugerida neste trabalho reside em se fazer uma análise do livro *Quarto de Despejo* (1960), da autora mineira, Carolina Maria de Jesus. Nessa obra, sucesso de vendas no período de sua publicação, pressupõe-se um mal-estar de uma identidade que procura ansiosamente por adesão, diante de um universo predisposto a qualquer integração. Em uma trajetória peregrina, a autora relata, através de um discurso memorialístico, um incessante desejo pelo ato de habitar, que se manifesta por meio dos constantes agenciamentos que a narradora irá empreender pelos caminhos por onde circula. Para se conjecturar essa análise serão utilizados autores como RICOEUR, Paul (2007), BAUMAN, Zygmunt (2011), FOUCAULT, Michel (1994) e DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1995), dentre outros que vislumbram, no discurso de Carolina Maria de Jesus, uma inquietante busca por fazer parte de um lugar que não foi reservado a ela. A tônica desse estudo procura responder por onde essas identidades obliteradas presentem-se como indivíduos considerados à margem, estando reservados a eles apenas um sentimento assombroso de busca por agenciamento, o reinado do vazio, como pronuncia Paul Ricoeur (2007). Ser errante, nômade, caminheiro, transeunte serão possíveis nomenclaturas para designar esse percurso insólito de quem ousa narrar as adversidades de um mundo contemporâneo hostil, não acostumado a lidar com outras identidades.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Contemporaneidade; Discurso; Espaço; Representação.

Abstract: The reflection suggested in this paper is to analyze the book "*Quarto de Despejo*" (1960) by Carolina Maria de Jesus. In this book, sales success in the period of its publication, it presupposes

1 Título do artigo em inglês: "Nomadism, displacements and errant trajectories: identities at stake in the narrative of carolina maria de jesus"

a malaise of an identity that anxiously looks for adhesion, before a universe predisposed to any integration. In a pilgrim trajectory, the author reports, through a memorialistic discourse, an incessant desire for the act of inhabiting, which is manifested through the constant assemblages that the narrator will undertake along the paths through which it circulates. To conjecture this analysis will be used authors such as RICOEUR, Paul (2007), BAUMAN, Zygmunt (2011), FOUCAULT, Michel (1994) and DELEUZE, Gilles; GUATTARI, FELIX (1995), among others who see, in the speech of Carolina Maria de Jesus, a disturbing search for being part of a place that was not reserved for her. The focus of this study seeks to answer where these obliterated identities perceive themselves as individuals considered at the margin, reserved for them only an astonishing feeling of search for agency, the reign of emptiness, as Paul Ricoeur (2007) states. Being a wanderer, a nomad, a walker, a passer-by will be possible nomenclatures to designate this unusual journey of those who dare to narrate the adversities of a hostile contemporary world, unusual to dealing with other identities.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; Contemporaneity; Representation; Space; Speech.

INTRODUÇÃO

A cultura contemporânea recuperou a figura do passageiro, do caminheiro, do passeador, do errante, reinventando a ideia de localização e deslocamento. Para Paul Ricoeur (2007), entre as alternâncias de repouso e movimento, está instituído o ato de habitar, o fato de um corpo estar compreendido entre um aqui e um acolá. A investigação acerca da narrativa de Carolina Maria de Jesus compreende muito a respeito da perspectiva de ocupação de um lugar, de um espaço dimensionado por onde trafega. Nesse devir, expresso em um tom autobiográfico e memorialístico,

são descritos espaços que acredito tornarem-se movediços e dispersos, pois possibilitam a averiguação de uma trajetória errante e um não agenciamento desse indivíduo.

Diante de um tempo em que outras identidades ousam fazerem-se notar como os grupos tidos ou denominados como minoritários² e que promovem discussões nos meios acadêmicos, ou mesmo em movimentos sociais, verifico, na sociedade atual, o pulsar de um pensamento que compreenda outras vozes plurais e que contemple essas identidades dissonantes. Para Djamilia Ribeiro (2017), o entendimento do lugar de fala de alguns grupos, especificamente os das mulheres negras, é suscitado a partir de “de determinadas identidades a partir do lugar social que certos grupos ocupam e lhes são restritas determinadas oportunidades” (p.61).

No que concerne à narrativa de Carolina Maria de Jesus, observo um discurso completamente definido e condicionado pelo seu lugar de fala. Carolina reproduz o discurso do subalterno³, um indivíduo que está afastado de qualquer benefício procedente de um Estado excludente. Sua escritura dá conta das adversidades de quem vivia

2 Grifo meu. Aqui utilizo o termo lembrando as frentes que se fizeram perceber a partir da segunda metade do século passado e referem-se a mulheres, negros e movimentos LGBTs.

3 O termo subalterno foi cunhado por Antonio Gramsci, em seus *Cadernos da Prisão*, e refere-se à condição de as classes operárias fazerem frente às classes dominantes da época, especificamente à classe burguesa da Itália pré-fascismo (ROIO, 2007).

em condições de extrema miserabilidade, junto a seu grupo de formação, partindo do interior do Brasil, para tentar a sorte em um grande centro como São Paulo. Entretanto, torna-se revelador a contundência desse discurso tido como subalterno, uma vez que se impõe num tempo em que não era permitido fazer-se ouvir essas vozes. Djamila Ribeiro (2017) questiona que, na contemporaneidade, “grupos que sempre estiveram no poder, passam a se incomodar com o avanço de discursos minoritários em termos de direitos” (p.56).

Diante da análise de seu livro memorialístico e autobiográfico, *Quarto de despejo* (1960), desvenda-se um discurso cheio de materialidade, pois ali se manifesta um indivíduo que passou fome, criou os filhos colhendo os restos de um mundo pronto para julgá-la e atirá-la para fora de qualquer nível de compreensão. Logo, a obra dessa escritora seduz, tanto pelo seu envolvimento com um universo negligente, quanto pela sua busca emancipatória perante esse mundo tão adverso e excludente.

Nesse impasse, a obra de Carolina Maria de Jesus surpreende porque promove um descentramento do pensamento hegemônico e reacende a discussão acerca de uma busca por ressignificação de algumas identidades.

Na contemporaneidade, descortina-se o discurso do subalterno, e este passa a ganhar uma maior visibilidade, criando novas possibilidades para que se reconfigurem identidades fraturadas, que fizeram parte de nossa formação nacional e que estiveram por tanto tempo impregnadas por uma ótica homogeneizante.

A narrativa de Carolina Maria de Jesus materializa-se ao modo de saga, cuja potência carrega todo o grupo do qual faz parte, pronunciando-se como enunciação do povo⁴ negro, como um indivíduo atuante e protagonista de nossa formação cultural. Diante dessa compreensão, acredito que a construção de seu universo narrado materializa-se por esse extravasamento de um lugar de fala antes não ouvido, mas que tem ânsia em concretizar-se, ou fazer-se sentir. Assim, ao passo que se discutem esses novos agenciamentos⁵ de fala, pressuponho que os itinerários descritos em sua narrativa são impregnados de significação, como se pode averiguar a seguir:

4 A definição de povo que acredito ser conveniente para esta análise vai ao encontro da seguinte alusão do antropólogo Darcy Ribeiro: “O povo-nação não surge no Brasil da evolução de formas anteriores de sociabilidade, em que grupos humanos se estruturam em classes opostas, mas se conjugam para atender às necessidades de sobrevivência e progresso. Surge, isto sim, da concentração de uma força de trabalho escrava, recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela, através de processos tão violentos de ordenação e repressão que constituíram, de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável”. (RIBEIRO, 1995, p.23).

5 Agenciamento: ato ou efeito de conectar-se a algo ou alguém, ou melhor, representa o interesse em fazer-se notar, perceber-se. Esse conceito é bastante explorado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, na obra *Mil Platôs* (1995).

O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa bem confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já me habituei a andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir na favela. (JESUS, 1960, p.16)

Por isso, afora a compreensão que gira em torno do fenômeno editorial Carolina Maria de Jesus e da publicação desse livro, penso em compreender o lugar dimensionado para esse corpo negro, feminino, nômade, que se pretendia artista e propunha-se a escrever em meio a tantas negativas⁶. Acredito que registrar o nome de Carolina Maria de Jesus como possível escritora vem do entendimento da manifestação de um discurso específico, propagado em um tempo histórico específico, em que as condições para assimilação dessa narrativa eram completamente rarefeitas ou improváveis. Portanto, em razão de manifestar-se por meio desse lugar de fala específico, de onde emerge sua trajetória nômade, avalio que sua existência só é possível e prevista quando trava esse embate, que se manifesta por um discurso que não cessa de lutar por certa adesão.

6 A pesquisadora Raffaella Fernandez (2015), por meio da análise dos manuscritos da escritora, capta uma linda imagem de Carolina Maria de Jesus ao compará-la à existência de um poeta-trapeiro na obra de Charles Baudelaire, tomado, nesse estudo, pela ótica de Walter Benjamin. Para a pesquisadora, a figura do *chiffonnier* imerso nas ruas de Paris do segundo império, disposto a observar e recolher os restos, os farrapos para sobrevivência, alia-se àquilo que denominou como “a poética de resíduos” na obra de Carolina Maria de Jesus.

SOBRE OS (DES)CAMINHOS

A trajetória desse percurso insólito da escritora começa no ano de 1923⁷, quando sua família desloca-se de Sacramento (MG) a Lajeado, com o intuito de buscar trabalho como lavradores nas fazendas daquela localidade. Em seguida, no ano de 1927, partem para Franca, interior do Estado de São Paulo, onde Carolina trabalha como lavradora na fazenda e, na cidade, executa o trabalho de empregada doméstica.

No ano de 1928, eles retornam para Sacramento, porém, em 1929, partem com destino à cidade de Vitória da Conquista, no estado da Bahia, novamente para a execução do trabalho com a agricultura. No mesmo ano, retornam para Sacramento e, em 1930, seguem para as cidades de Ribeirão Preto e Orlândia, em São Paulo.

Em 1932, acometida por uma doença que lhe causava feridas nas pernas, Carolina retorna à cidade natal, Sacramento. Em 1933, após serem presas – pelo fato de Carolina ler e ser concluído que ela lia para praticar feitiçaria –, Carolina e sua mãe retornam para Franca. No ano de 1937, com a morte da mãe, Carolina parte para a cidade de São Paulo. Em 1948, instala-se na favela do Canindé, local que serviu de insumo para conferir sucesso à sua narrativa.

7 Sobre a trajetória de Carolina Maria de Jesus e de sua família, a referência buscada foi sob a ótica de Sérgio da Silva Barcellos (2015), em um guia do acervo da escritora.

Em 1960, com o episódio da publicação de *Quarto de Despejo*, cuja tiragem foi de dez mil exemplares, ela retira-se do Canindé e muda-se para os fundos da casa de um amigo, em Osasco. Já em 1961, a escritora viaja para Uruguai, Chile e Argentina, além de visitar várias regiões do Brasil.

Em 1969, muda-se para o tão sonhado sítio em Parelheiros, um bairro na periferia de São Paulo, onde pretende esquecer os problemas que envolvem a sua má sorte⁸ em relação às outras publicações posteriores a *Quarto de Despejo* (1960). No dia 13 de fevereiro de 1977, Carolina morre, aos 63 anos, vitimada por uma crise de asma.

Por meio dessa investida de Carolina, resgatada pelas delimitações de Barcellos (2015), conjecturo que a vida da escritora como retirante inicia-se em 1923, data em que deixa, pela primeira vez, sua terra natal, e acaba somente em 1977, ano de sua morte em Parelheiros. Nesse itinerário, decorrem 54 anos de uma existência errante, de uma vida que durou apenas 63 anos. Na composição desse périplo, sabe-se que Carolina jamais teria retornado a Sacramento novamente, como um Ulisses que deveria regressar à sua Ítaca.

8 Grifo meu. Má sorte, aqui, refere-se ao fato da pouca acolhida de sua obra pela crítica. Ainda segundo Barcellos (2015, p.27-28), o lançamento de *Casa de alvenaria* (1961) não agradaria aos críticos da época, bem como o livro *Provérbios* (1963) não encontrou grande repercussão, além de o romance *Pedaços da fome* (1963) ter sido recebido com indiferença pela imprensa.

No caso da epopeia, a aventura do herói grego tem a duração de dez anos, e profere-se uma narrativa em que são celebrados tanto os episódios quanto os sítios visitados, bem como as estadas do nobre homem, o qual, ao retornar à ilha, demarca o seu lugar de pertencimento e onde pretende, supostamente, repor as coisas em seu lugar.

Analogamente, no caso de Carolina, não há retorno à sua “Ítaca”, a Sacramento, e, menos ainda, as coisas seriam restituídas a seu lugar. O seu périplo parte de um destino improvável e, nos 54 anos de seu trajeto por espaços que se fizeram deslizantes, restam apenas indícios, os quais pretendo apurar aqui, a fim de conceber, minimamente, essa existência. Nesse impasse, segundo Paul Ricoeur, ainda sobre a questão do lugar:

Claro, meu lugar é ali onde está meu corpo. Mas colocar-se e deslocar-se são atividades primordiais que fazem do lugar algo a ser buscado. Seria assustador não encontrar nenhum. Seríamos nós mesmos devastados. A inquietante estranheza – Unheimlichkeit – ligada ao sentimento de não estar em seu lugar mesmo em sua própria casa nos assombra, e isso seria o reinado do vazio. (2007, p.157-158)

No discurso de Carolina, existe essa inquietante busca pelo lugar que, a todo o momento, escapa-lhe; há o sentimento

assombroso de um indivíduo que busca agenciamento, porém esse corpo não se congrega, não se incorpora, prevalecendo, ou estando imposto a ele, o reinado do vazio.

A respeito do termo nômade, Deleuze e Guattari consideram que: “o nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto a outro, não ignora os pontos (ponto de água, de habitação, de assembleia, etc)” (2012, p.53). Em *Quarto de Despejo* (1960), verifico que a trajetória de Carolina é demarcada por uma constante andança de um ponto a outro, como no seguinte trecho: “quando o astro-rei começou a despontar eu fui buscar água. [...] Fui no Arnaldo buscar o leite e o pão” (JESUS, 1960, p.15).

Diante da compreensão relativa à existência nômade, os autores tentam estipular um vetor que demarque esse certo grau de movimentação, que venha a justificar a trajetória de que se ocupam os povos nômades. Assim, eles postulam que: “a vida nômade é *intermezzo*. Até os elementos de seu hábitat estão concebidos em função do trajeto que não para de mobilizá-los” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.53 - grifo do autor).

A partir dessa premissa, penso que, em *Quarto de Despejo* (1960), há um campo vetorial que aponta, incessantemente, para uma trajetória nômade, já que é constituído por constantes idas e vindas. A perspectiva territorial da narradora inscreve-se

por meio dos seguintes pontos: “Fui buscar água” (JESUS, 1960, p.7); “Peguei a sacola e fui” (p.8); “Saí a noite, e fui catar papel” (p.9); “Quando cheguei em casa era vinte e quatro horas” (p.10); “Fui no depósito receber... sessenta cruzeiros. [...] Cheguei ao inferno” (p.10); “Enchi dois sacos de papel na rua Alfredo Maia. Levei um até ao ponto e depois voltei para levar outro. Percorri outras ruas” (p.19); e “A chuva passou um pouco vou sair” (p.25).

A partir dessa perspectiva, acredito que se organize um mapa em que a trajetória da narradora pode ser auscultada justamente a partir do transitar por esse intermediário de que falam Deleuze e Guattari (2012), pois observo que Carolina marcha, incessantemente, por diversos pontos, à procura do auxílio do Estado, que a nega como partícipe, obliterando, mais uma vez, sua condição:

Fui no Palácio, o Palácio mandou-me para a sede na Avenida Brigadeiro Luís Antônio. Avenida Brigadeiro me enviou para o Serviço Social da Santa Casa. Falei com a dona Maria Aparecida que me ouviu e me respondeu tantas coisas e não me disse nada. Resolvi ir no Palácio e entrei na fila. Falei com o sr. Alcides. [...] Eu vim pedir auxílio porque estou doente. O senhor mandou eu ir na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, eu fui. Avenida Brigadeiro me mandou ir na Santa Casa. E eu gastei o único dinheiro que eu tinha com as conduções. (JESUS, 1960, p.37)

Nesse fluxo de idas e vindas, em que ela não encontra a acolhida do Estado, o discurso de Carolina evidencia-se como o da figura de um nômade, pois se apresenta um indivíduo em constante movimento, habitando o *intermezzo*. O fato de precisar garantir a sobrevivência de sua família torna-a uma peregrina, que cata papéis, ferros e quaisquer utensílios a fim de ganhar o sustento.

Em relação, ainda, à definição do termo nômade, os autores formulam que: “[...] o nômade só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.54). Isso ocorre com Carolina o tempo todo, já que ela necessita deslizar de um ponto a outro, na procura de algo que se torne moeda de troca: “acho bobagem ficar rodando praqui, prali. Eu já rodo tanto para arranjar dinheiro para comer” (JESUS, 1960, p.50).

A respeito do trajeto nômade, os autores reforçam que: “o trajeto nômade [...] distribui os homens num espaço aberto, indefinido, não comunicante” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.54). Portanto, penso ser dessa maneira que se organiza a trajetória de Carolina em *Quarto de Despejo*. Verifico, nesse caso, a configuração de uma existência nômade, que se expande e retrai-se dentro de um espaço aberto, por não encontrar respostas para aquilo que procura, como no exemplo de não

conseguir um auxílio para resolver seus problemas de saúde. Esse espaço trilhado por ela pode ser lido como indefinido e não comunicante, porque, nele, o Estado exime-se de deliberar qualquer responsabilidade que a beneficie na qualidade de possível indivíduo cidadão. Sobre essa situação, Deleuze e Guattari ainda consideram que

é verdade que os nômades não têm história, só têm uma geografia. E a derrota dos nômades foi tal, tão completa, que a história identifica-se com o triunfo dos Estados. [...] Os historiadores consideram os nômades como uma pobre humanidade que nada compreende, nem as técnicas, nem a agricultura, nem as cidades e os Estados que ela destrói ou conquista. A história não parou de negar os nômades. (2012, p.75)

Diante dessa passagem, constato que a trajetória de Carolina, considerando-a como figura nômade, confirma-se pela subtração de seus direitos mínimos, pela astúcia de querer empreender uma geografia, a qual se define pelo embate em determinados pontos que negam sua investida. Conjecturo que seu discurso pode ser reconhecido por meio do seu fluxo incessante, tantas vezes incompreendido e negligenciado, que a despreza e nada lhe oferece em troca, a não ser o descaso.

DOS DESLOCAMENTOS E TRAJETÓRIAS ERRANTES

Diante desse contexto de trajetórias errantes, recupera-se a figura do *flâneur*, celebrado como uma representação

simbólica da metrópole moderna, cuja significação consagrou-se desde Walter Benjamin, no início do século passado. O filósofo alemão fez o uso do termo pretendendo ocupar-se dessa figura como a de um indivíduo que adquire experiência por circular em um determinado território. Entretanto, esse “deslocar-se” configura a concepção de um andarilho peculiar, pois suas características esbarram no fato de ele encontrar-se entre estranhos “na” multidão, mas não em ser um estranho “da” multidão. Esse indivíduo iria ao passeio público como quem vai ao teatro, “[...] ele era um homem do lazer e fazia seus passeios no momento do lazer” (BAUMAN, 2011, p.127).

Segundo a projeção do *flâneur*, há prazer em deslocar-se, já que ele ocupa-se desses estranhos como uma superfície, na qual, quanto mais se derem esses encontros, mais satisfatórias serão suas trocas. Já a figura do andarilho seria o indivíduo que deve aguardar, nas margens, a sua prática do passeio, ele deve “[...] aguardar a sua hora” (BAUMAN, 2011, p.127). A projeção do andarilho é contraposta à figura do *flâneur*, pois este compactua com a ideia de ser um estranho na multidão. Para o andarilho, não se possibilita qualquer troca, ficando sua adesão comprometida, já que se configura como um estranho da multidão.

Já a projeção da figura do vagabundo não poderia ser aceita na modernidade, pois prejudicaria a organicidade dos grupos, logo deveria ser combatida. Essa figura deveria ser direcionada para fora das estradas, das cercanias da cidade, deveria ir embora de um determinado lugar, pois deturpava os princípios da ordem previamente estabelecida. Sua disposição estaria dimensionada pela “[...] sua aparente liberdade de se mover e assim escapar da rede de controle situada na esfera local” (BAUMAN, 2011, p.129). Na obra de Carolina, essa situação de sentir-se como a figura do vagabundo é reconhecida no fragmento abaixo:

Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos extingue as favelas. Há os que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casas que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adoecem e elas no penado da enfermidade mantêm o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais. (JESUS, 1960, p.14)

Outro diferencial dessa projeção está no fato de o vagabundo nunca poder ser o nativo, o indivíduo estabelecido, pois ele já esteve em outros locais antes, logo: “Ele ainda cheira a outros lugares, [...] é melhor para o vagabundo, portanto, não se acostumar muito com o lugar” (BAUMAN, 2011, p.130).

Diante dessas nomenclaturas instituídas, procuro refletir sobre um possível delineamento da figura de Carolina Maria de Jesus, buscando a composição e/ou construção de uma identidade. *A priori*, sua enunciação aproxima-se à perspectiva do andarilho, aquele indivíduo que está à mercê de que sua hora chegue, pois espera sempre à margem.

No que tange ao mundo do trabalho, sua identidade somente é apreensível a partir de contornos delineados, nunca fixos, já que o único trabalho em que obtém alguma renda, no estágio de sua maturidade, e que executa de forma fixa é o de catar para sobreviver. Em sua trajetória, estão as marcas da exclusão proeminente, como se verifica abaixo:

Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não se vê mais os corvos voando às margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos. (JESUS, 1960, p.49)

Nos espaços por onde circula, sua identidade é moldada a partir dos momentos de interface que vai colhendo aqui e acolá. Carolina escapa da compreensão do *flâneur*, pois não vai ao passeio a fim de obter prazer com as possíveis trocas de experiências. Sua investida pela cidade é composta por um itinerário hostil, o qual quem comanda é a busca pela sobrevivência. A seguir, há outro exemplo em que Carolina é repelida pelo meio:

Às oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludo, almofadas de citim. E, quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 1960, p.31)

A composição dessa identidade narra suas diversas tentativas de fazer-se sentir, portanto, está mais aproximada à imagem do andarilho, o ser nômade, que busca agenciar uma possibilidade de renda e de reconhecimento, executando um trabalho não sistematizado pelo Estado.

Por esses descaminhos de quem vive em um universo à parte é que a trajetória de Carolina Maria de Jesus assemelha-se a de um andarilho, um ser nômade, que não se convenia a esquemas partidários da época, não se caracterizando, portanto, como um corpo dócil politicamente, cuja finalidade era a do “[...] adestramento de seres aptos e necessários para o funcionamento e à manutenção da sociedade industrial, capitalista” (FOUCAULT, 2012, p.21-22).

DISSIPANDO IDENTIDADES

Para Regina Dalcastagnè, em *Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea* (2003), a narrativa

de Carolina Maria de Jesus reivindica o espaço da segregação. Suas personagens ocupam o espaço daqueles que estão impedidos de mover-se. Nesse impasse, a pesquisadora pressupõe que o espaço configure-se como um local em que os indivíduos ocupam o lado de fora do todo social, estando destituídos de direitos mínimos, logo “as cidades, muito mais que espaços de aglutinação, são territórios de segregação” (DALCASTAGNÈ, 2003, p.42). Penso que a ideia da pesquisadora aproxima-se ao pressuposto de Michel Foucault (1994), ao afirmar que o espaço contemporâneo é um espaço heterogêneo:

O espaço em que vivemos, pelo qual somos lançados para fora de nós mesmos, no qual se desenrola precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo e de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos erode é também, em si mesmo, um espaço heterogêneo. (p.115)

Regina Dalcastagnè ainda contextualiza, tendo como horizonte a obra de Carolina Maria de Jesus, que, para essas pessoas, ocupar um espaço é sinônimo de “contentar-se com os restos – as favelas, a periferia, os bairros decadentes, os prédios em ruínas” (DALCASTAGNÈ, 2003, p.43). Ela conjectura que os sentimentos desses transeuntes, diante do espaço citadino, são de total não pertencimento, já que a cidade comporta-se como se existissem inúmeras placas, visíveis apenas a eles, dizendo “não entre”.

Em *Quarto de Despejo* (1960), o discurso da narradora ocupa o espaço do nomadismo, um espaço heterogêneo, e, nessa empreitada, narra a aspereza da vida da favela. A invisibilidade de seus habitantes mostra-se a partir da perspectiva de quem está dentro desse universo e, ao mesmo tempo, concorrendo paralelamente para fora de uma totalidade.

Especificamente nessa narrativa, há uma restituição dos espaços ou das alocações por onde Carolina de Jesus circula, delimitando, à moda de uma cartografia, os locais em que se dão as relações da narradora com o todo social. Nesta análise, utilizarei o conceito de alocação, defendido por Foucault (1994), a fim de entender as relações de vizinhança entre pontos ou elementos por onde trafega Carolina.

A narrativa *Quarto de Despejo* (1960) inicia na rua onde Carolina, impedida de comprar sapatos para a filha aniversariante, encontra um par deles no lixo, podendo, assim, presenteá-la. Carolina circula dentro do espaço do disperso, das simultaneidades. A simultaneidade está, por exemplo, na disposição em que se organizam o espaço da rua e o espaço da casa em que habita, onde há sempre um vetor de contiguidade. O fato de recorrer, incessantemente, à catação de utensílios – que, quando vendidos, proporcionam

o meio de sobrevivência para si e para a prole – faz com que haja um espaço movente entre a casa e a rua, não havendo diferenciação entre esses dois lugares. A casa (o barraco) estende-se à rua, e a rua estende-se à cidade.

É da rua que Carolina extrai o sustento. Vive, como no método primitivo, de escambo, um sistema de trocas em que a rua é o lugar de coleta possível para manter a sobrevivência e, também, é onde encontra os insumos para compor a sua escritura. Da perspectiva dos espaços e da organização do sistema social, Carolina está completamente vulnerável. Caso não arrecade algumas migalhas, é o todo da prole que sentirá os reflexos: “Catei dois sacos de papel. Depois retornei catei uns ferros, umas latas e lenha” (JESUS, 1960, p.8).

Nessa perspectiva, entendo que o espaço habitado por Carolina é o espaço da interdição, é onde se dá a erosão de sua vida, de seu tempo e de sua história. A favela, aqui, funciona de acordo com o conceito de alocação heterotópica⁹ de Foucault (1994). É nesse espaço que Carolina tenta anular a barreira do preconceito de classe, buscando, ininterruptamente, a intervenção junto ao mundo de fora, que é representado pela cidade.

9 Para o autor, existem as alocações que têm a propriedade de estar em relação com todas as demais, as quais são definidas em dois tipos: as utopias, alocações que não ocupam lugar real, e as heterotopias, todas as alocações reais que podem ser encontradas dentro de uma cultura, as quais são, simultaneamente, representadas, contestadas e invertidas, sendo, efetivamente, localizáveis.

Assim, posso conjecturar como já mencionado anteriormente que Carolina representa a figura do andarilho, do vagante, empreendendo, nessa trajetória, intermediações entre a casa e a rua. Esses dois espaços são demarcados como limítrofes, porém, deles, sobressaem-se outros pontos de alcance. Nesse processo casa x rua, dentro x fora, a personagem é uma transeunte. O quarto de despejo remete à ideia de uma alocação, em que se depositam os descartes da sociedade, já a cidade representa o lugar onde se dão as boas relações, a sala de visitas, portanto.

Nesse impasse, posso aferir que Carolina não tem a possibilidade de interagir com o todo, como um indivíduo que habita em um determinado lugar, sendo alocada à margem da esfera social. A interação pretendida por ela é sempre obliterada, pois sempre há uma negativa que delimita os seus desejos.

No que concerne ao domínio econômico, julgo que ela vive das sobras e dos rejeitos desse sistema, o qual beneficia determinada parcela da população. No que se refere ao domínio político, Carolina representa a negativa do projeto de cidadania, em que não se verifica uma compreensão mínima do indivíduo na qualidade de ente social.

A trajetória de Carolina é sempre mediada pelo caminho que executa. Da favela à cidade, existe um mundo.

E esse mundo quer deixá-la alocada para o lado de fora. Carolina é um indivíduo não visto nem detectado por grande parte do todo social. Não se legitima como ente social, vive no limiar da permissividade humana, sendo, assim, sempre rechaçada, condenada a viver dos ultrajes da sua condição, assim como da sua classe e do seu pensamento étnico:

Estava nervosa, porque estava com pouco dinheiro, e amanhã é feriado. Uma senhora [...] me disse para eu buscar papéis na rua Porto Seguro, no prédio da esquina, 4 andar, 44. Subi no elevador, eu e a Vera. [...] No sexto andar o senhor penetrou no elevador me olhou com repugnância. Já estou familiarizada com esses olhares não entristeço. [...] Quis saber o que eu estava fazendo no elevador. [...] perguntei se era médico ou deputado. Disse que era senador. (JESUS, 1960, p.100)

Nesse caso, há, novamente, a obliteração de Carolina, e o espaço social que ela ocupa fica nítido. O seu interlocutor deve pensar: “O que uma negra-pobre-miserável faz em um elevador principal?” – nesse tempo, havia o elevador de serviços, que, obviamente, demarcava essas relações. O mundo da subalternidade, ao qual Carolina deveria pertencer, é ignorado por ela, pois ela move-se no desejo de visibilidade, luta para garantir algum dinheiro para aplacar sua fome e a dos seus, move-se, portanto, na busca incondicional pela alteridade.

Além da trajetória externa (cidade), Carolina transita pela favela, a fim de buscar água, uma tarefa árdua que executa todas as manhãs, supervisionada pela filha Vera Eunice. Nesse movimento, é descrito o cotidiano de pessoas que vivem ante o descaso dos poderes públicos. É possível notar, aqui, o crescimento dessa população vivendo em condições precárias:

Deixei o leito às seis e meia e fui buscar água. Estava uma fila enorme. E o pior é a maledicência que é o assunto principal. Tinha uma preta que parece que foi vacinada com agulha de vitrola. Falava do genro que brigava com a filha. [...] Atualmente é difícil pegar água, porque o povo da favela se duplicou. E a torneira é só uma. (JESUS, 1960, p.98)

No que se refere ao espaço delimitado para a família e para o lazer, não há exemplos possíveis. Carolina tem essa noção de viver à parte, ela percebe-se afastada dos domínios públicos. A demarcação do mapa do universo (índice topográfico) por onde Carolina circula é nitidamente detectada na seguinte constatação: “Eu classifico São Paulo assim: O palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam o lixo” (JESUS, 1960, p.27).

Nessa cartografia, a protagonista delibera os espaços referentes às posições sociais. Há um mapa estabelecido,

em que a sala de visitas é o lugar ocupado pelo alto escalão da sociedade, sendo a sala de jantar o espaço de comunhão onde as pessoas relacionam-se. A cidade é o espaço do belo e da contemplação, e a favela, o seu espaço de pertencimento, é o espaço do que se quer ocultar, esconder, camuflar, calar.

A perspectiva do espaço do lazer é descartada, pois é preciso dedicar-se, primeiramente, à sobrevivência. Como Carolina não possui trabalho regular, contenta-se com aquilo que recolhe de suas andanças pela cidade. O espaço do lazer é, então, prejudicado:

A dona Teresinha veio me visitar. Ela me deu quinze cruzeiros. Me disse que era pra a Vera ir no circo. Mas eu vou deixar o dinheiro para comprar pão amanhã, porque eu só tenho quatro cruzeiros. (JESUS, 1960, p.24)

Da perspectiva de Michel Foucault, o espaço da contemporaneidade é o espaço das simultaneidades. Carolina enquadra-se nessa perspectiva, pois percorre, simultaneamente, dois espaços: o da cidade e o da favela. Nesse percurso, fatalmente, ela sempre é reconduzida por uma força centrífuga, que deseja empurrá-la para fora do sistema.

Entretanto, mesmo que se observem os altos graus de repulsão em sua narrativa, Carolina sempre se reconduz

com força e ímpeto para explorar um espaço minado em que procura mover-se. Os impropérios da fome, as desditas da vida da favela, a falta de moradia digna, a ausência de água e saneamento básico são outras dimensões do espaço ocupado por Carolina. Espaços que expressam suas distinções e contam com uma lógica interna estabelecida. São como os espaços dos asilos, das prisões, dos colégios internos, na perspectiva de Foucault (1994), espaços que apresentam uma conexão própria. Carolina habita no espaço de fora, de onde procura impulsionar a erosão da própria vida. Assim, percebo que, nesse percurso heterogêneo, ela negocia/agencia a própria existência.

Nessa trajetória de análise da narrativa de Carolina Maria de Jesus, percebo que seu discurso é manifesto a partir da representação de um indivíduo que esteve sempre à mercê de uma chance de agenciamento, vivendo em um constante projeto de desterritorialização, motivado pelos inúmeros deslocamentos que teve de realizar em sua vida, desde a infância em Sacramento até a data de sua morte, em 1977. Sabe-se que, mesmo depois de estabelecer-se no tão sonhado sítio em Parelheiros, São Paulo, Carolina foi vista em total situação de miséria e abandono pelas ruas da famigerada cidade de São Paulo, recolhendo lixo e descartes,

tentando reinscrever uma identidade que correu o risco de ser dissipada, mas que, nos dias de hoje, encontra ecos em outras vozes dissonantes, que precisam ser resgatadas para que não se evanesça a magnitude dessas existências.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Sérgio da Silva (2015). *Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus*. Sacramento: Bertolucci Editora.

BAUMAN, Zygmunt (2011). *Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*. Rio de Janeiro: Zahar.

DALCASTAGNÈ, Regina (2003). “Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, 21, p.33-53.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1995). *Mil Platôs*. v.1. São Paulo: Editora 34.

_____ (2012). *Mil Platôs*. 2.ed. 5. São Paulo: Editora 34.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa (2015). *Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus*. 315f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

FOUCAULT, Michel (1994). *De espaços outros*. Paris: Gallimard.

_____ (2012). *Microfísica do poder*. 25.ed. São Paulo: Graal.

JESUS, Carolina Maria de (1960). *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Editora Francisco Alves.

RIBEIRO, Darcy (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras.

RIBEIRO, Djamilia (2017). *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento/Justificando.

RICOEUR, Paul (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp.

ROIO, Marcos Del (2007). “Gramsci e a emancipação do subalterno”. *Rev. Sociol. Polít.*, 29, p.63-78. In <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n29/a06n29.pdf>. Acesso em 30.Mar.2015.

Janaína da Silva Sá é Doutora em Letras, pela Universidade Federal de Santa Maria, professora do Instituto federal Farroupilha – Campus Júlio de Castilhos/RS e pertencente ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do Campus Júlio de Castilhos (NEABI-JC). As produções bibliográficas mais significativas incluem:

SÁ, J. da S (2017). Dos itinerários de Carolina Maria de Jesus: de Diário de Bitita a Quarto de Despejo e as fronteiras da permissividade da polis. *Itinerários (Unesp Araraquara)*, v. 44, p. 97-112.

SÁ, J. da S.; FERNANDEZ, R. A (2017). “Espionando de soslaio: o olhar da senzala ao rés-do-alpendre”. *Miscelânea (Assis. Online)*, 21, 227-242.

_____ (2017). O olhar da senzala desconstruindo o alpendre. *Terceiro Milênio - Revista Crítica de Sociologia e Política*, 8, 1-16.

E-mail: janaina.sa@iffarroupilha.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9458347377432710>.

*Recebido em 11 de outubro de 2018.
Aprovado em 18 de fevereiro de 2019.*